

An aerial photograph of an archaeological excavation site. The ground is dark brown soil, and numerous light-colored, irregularly shaped stones and pebbles are scattered across the surface. A grid of thin white lines is overlaid on the site, indicating the layout of the excavation. A long, thin wooden rod or measuring tool is visible in the upper right quadrant. The overall scene is brightly lit, casting soft shadows.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglaciar no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglaciar na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

MANIPULAÇÕES CRANIANAS DA GRUTA DO ESCOURAL (MONTEMOR-O-NOVO)

Mário Varela Gomes¹, Carlos Didelet Vasques²

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / mv.gomes@fcsh.unl.pt / Membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas-Artes e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

² Centro de Arqueologia da Câmara Municipal de Lisboa / carlos.vasques@cm-lisboa.pt / Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.

Resumo

A revisão do espólio antropológico exumado na Gruta do Escoural, atribuível ao Neolítico Médio e Final, permitiu a identificação de rodela craniana, de máscara, de trepanação e de incisões cranianas. A estas manipulações, executadas sobretudo respondendo a práticas sócio-religiosas, adiciona-se a presença de selecção de crânios depositados em nichos.

Os gestos que transformaram elementos antropológicos em artefactos foram postos em paralelo com ocorrências afins do Centro e Sul de Portugal. Eles põem sobretudo em relevo a importância dada à cabeça humana, como elemento discursivo do indivíduo, onde residem os principais sentidos e o centro de decisão de comportamentos e saberes, ou seja, da actividade cognitiva, pelo que se tornou símbolo social de valor universal.

Palavras-chave: Gruta do Escoural, Rodela craniana, Trepanação, Máscara craniana, Incisões cranianas, Depósitos de crânios.

Abstract

The revision of the anthropological remains found at the Escoural Cave and dated from the Middle and Late Neolithic allowed the identification of a cranial disc, a cranial mask, one trepanation and cranial incisions. Such bone manipulations were made as a response to socio-religious practices and are studied together with skulls found in niches.

The practices which transform anthropological elements in artefacts were compared with occurrences in Central and Southern Portugal. They give importance to the human head, as a discursive element of the individual, as a place where the main senses reside and the centre of decision, of behaviours and knowledge, this is, the cognitive activity and thus becoming a social symbol of universal value.

Keywords: Escoural Cave, Cranial disk, Trepanation, Cranial mask, Cranial incisions, Skull deposits.

'The skull is a symbol not only of death but also of the dead sun, which during its life was endowed with the hair rays of power' (Neumann, 1963: 166).

1. ANTECEDENTES

A Gruta do Escoural, aberta em calcários cristalofílicos, foi descoberta a quando da exploração daqueles em 1963.

Manuel Farinha dos Santos ali haveria de proceder a escavações durante vários anos, não deixando de referir, em alguns textos de síntese, aspectos dos resultados daquelas, que foram, em grande parte, publicados ulteriormente (Araújo e Lejeune, 1995). Em tempos mais recentes, efectuaram-se novas escavações, nomeadamente na entrada da cavidade subterrânea, voltada a sul, onde se detectaram indústrias líticas sobre quartzito e quartzos, classificáveis no Paleolítico Médio. Todavia, a Gruta do Escoural é mais conhecida, mesmo internacionalmente, devido à presença de arte parietal paleolítica, pinturas e sobretudo gravuras, atribuíveis a longo ciclo artístico, com inícios no Gravetense e Solutrense Antigo e terminando no Magdalenense Final (Santos, 1964; 1967a; 1967b; 1968; 1972; Santos, Gomes e Monteiro, 1980; Glory, Vaultier e Santos, 1966; Gomes, 1983; 1985; 1992; 1994; 1995; 1998; 2000; 2001; 2002; 2006: 142, 143, 161, 162; Silva e Araújo, 1995; Araújo e Lejeune, 1995).

Sobre o maciço onde se abre a gruta, foram parcialmente escavados restos de povoado Calcolítico, possuindo dispositivos defensivos e que destruiu ou sobrepôs superfícies rochosas contendo gravuras, abertas pela percussão de artefactos líticos, que representam principalmente bucrânios e covinhas, mas onde também se identificaram as imagens de arado, carro, serpentiformes e de recintos, iconografia atribuída ao Neolítico Final, tal como podomorfo, que classificámos na Idade do Bronze Final (Gomes, Gomes e Santos, 1983; 1983-84; 1994; Gomes, 1991; 2002; Santos, 1985: 138, 139).

Conjunto constituído por numerosos restos osteológicos humanos, recolhidos à superfície do so-

lo da gruta, em data subsequente à sua descoberta, tidos como desprovidos de contexto arqueológico específico, mas datáveis no Neolítico Médio e Final, foi entregue para estudo ao antropólogo Agostinho Farinha Isidoro, que publicou os seus resultados em 1981.

Ali se inventariou e descreveu o material referido, onde se incluem onze crânios quase completos, cinco muito incompletos e trinta e cinco porções, espólio que o autor citado calculou terem pertencido, pelo menos (NMI), a 34 indivíduos de ambos géneros (Isidoro, 1981: 6).

O investigador mencionado concluiu que a estatura dos homens cujos restos estudou seria, em média, de 1,617 m e a das mulheres 1,506 m, valores próximos dos encontrados nas populações actuais da região. Na forma da estrutura craniana dominava a dolicocefalia, ou seja, os crânios de contorno oval (Isidoro, 1981: 45).

O espólio osteológico estudado por A. Farinha Isidoro conservava-se no Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, no Porto, tendo sido entregue parte daquele, dado faltarem crânios, a um de nós (M.V.G.), em data recente e através da Doutora Conceição Rodrigues, por desde há muitos anos estudarmos o arqueossítio do Escoural.

Devido ao interesse dos presentes autores pelas questões relacionadas com as manipulações cranianas pré-históricas e outros aspectos de carácter ritual ligados ao corpo humano, procedemos a revisão do espólio posto à nossa guarda, depois entregue ao Museu Nacional de Arqueologia, tarefa que conduziu à identificação de rodela craniana, assim como de possível trepanação e de incisões cranianas, aspectos até então inéditos.

Tais descobertas levaram a que revíssemos os espólios osteológicos do mesmo arqueossítio que guarda o Museu Nacional de Arqueologia onde, não sem alguma surpresa, foi possível identificar máscara craniana, idêntica à da Gruta da Feteira e a outras que temos vindo a reconhecer (Vasques, 2016: 110, 111).

2. INVENTÁRIO DAS OCORRÊNCIAS

- **Rodela craniana**¹. Utiliza porção de parietal, de lado indeterminado, com contorno subcircular, medindo 0,061 m por 0,048 m, segundo dois eixos ortogonais, e 0,007 m de espessura máxima. Na superfície interior observam-se sulcos vasculares de porção de ramo da artéria meníngea média. Ambas superfícies e os bordos encontram-se alterados, decorrente de processo tafonómico, mostrando fractura moderna devido a amputação de pequena parte do bordo.
- **Máscara craniana**. Conserva o frontal, os ossos da face e o maxilar, ainda com quatro dentes molares *in situ*. Provavelmente pertenceu a adulto jovem, do género feminino, com idade compreendida entre os 20 e os 22 anos. Inscrição feita a tinta-da-china, na parte direita do frontal regista, em seis linhas: “Escoural / Galeria / Grupo / 10 / (à superfície) / 18.9.63”. A parte posterior da calote craniana foi separada do frontal pela sutura de ligação aos parietais ou sutura coronal. Jazia à superfície do solo na entrada de pequena galeria (galeria 1).
- **Trepanação**. Porção de crânio (Crânio 2), correspondendo apenas a pouco mais que a metade esquerda, da calote e dos ossos da face. Encontrava-se (galeria 3) associado a outros ossos humanos e a grande taça de cerâmica. Pertenceu a indivíduo com idade superior a 35 anos, à data da morte, e a parte do frontal que se conserva, apresenta vestígios de trepanação, iniciada mas não concluída, mostrando regeneração óssea, embora com indícios de inflamação. A intervenção, com perímetro subcircular mede 0,022 m de diâmetro e 0,010 m de profundidade. Este fragmento de crânio foi publicado por A. Farinha Isidoro (1964: 235, 237, figs 5, 6) como sendo procedente da Lapa do Bugio

¹ Preferimos esta denominação, em detrimento de disco craniano (Cardoso, 1992: 117), dado conter tradição na história da investigação e permitir abranger exemplares possuindo tanto contorno circular como oval, o que não aconteceria ao utilizarmos aquela primeira designação.

e atribuindo-o a indivíduo com 60 a 70 anos de idade à data da morte.

- **Incisões cranianas**. Crânio, possivelmente a porção descrita por A. Farinha Isidoro (1981: 17) sob o nº 23, conservando pouco mais que o lado direito da calote, ou seja, parte do frontal, o parietal, o temporal e sector do occipital. Apresenta incisões filiformes, com sinais de regeneração óssea, no parietal direito, medindo entre 0,010 m e 0,060 m de comprimento. Terá pertencido a indivíduo com 35 a 40 anos, à data da morte.
- Também o crânio, nº 3 do inventário elaborado por A. Farinha Isidoro (1981: 8, 9, est. III, fig. 6; est. V, fig. 10), de que existe boa parte da calote e dos ossos da face, mostra conjunto de incisões filiformes nos parietais e nos temporais, com comprimentos que variam entre 0,030 m e 0,060 m. Terá pertencido a indivíduo do género masculino, com cerca de 35 a 40 anos de idade.
- **Depósitos cranianos**. Segundo M. Farinha dos Santos (1985: 138), encontraram-se crânios humanos entaipados em nichos, um deles na Sala 1, a maior de toda a cavidade subterrânea, continha cinco crânios, segundo ainda informação daquele arqueólogo. Fotografia de M. Farinha dos Santos, obtida durante as escavações de 1963, mostra crânio humano colocado em pequeno nicho (Cardoso, 2002: 219, fig. 139).

3. COMENTÁRIOS

3.1. Rodelas cranianas

As rodelas cranianas são raras no território hoje português, dado que até à presente data apenas foram publicados quatro exemplares; um procedente da Anda da Herdade da Capela ou de Cavaleiros (Avis), o segundo da Lapa do Bugio (Sesimbra), tendo-se encontrado rodela craniana e meia rodela na Anta Grande do Olival da Pêga I.

Trata-se, pois, tal como ocorre na Gruta do Escoural, de três contextos funerários, dois megalíticos e um em gruta. O conhecimento do primeiro deve-se a José Leite de Vasconcellos (1897: 195) e o segundo foi explorado e tratado por diversos autores,

procedendo a rodela craniana de ossário (Monteiro, Zbyszewski e Ferreira, 1971; Cardoso, 1992: 117, 190, est. 18-7). O terceiro contexto foi investigado por Georg e Vera Leisner (1951: 147, 240, est. LXII-6, 7), que aventam a hipótese de tais testemunhos resultarem de trepanações e, portanto, reflectindo outro objectivo que não a obtenção daquelas peças.

A escassez de tais artefactos de carácter sócio-religioso quase sempre tratados na literatura arqueológica a par da trepanação, pode dever-se a falhas na sua identificação e a terem sido tomados por simples fragmentos de crânios, como aos processos tafonómicos relacionados com os contextos deposicionais, nomeadamente em terrenos de forte acidez.

A realização de rodela craniana ascende ao Paleolítico Superior, conhecendo-se exemplares detectados em França (Broca, 1873: 18), tendo assim sido denominados primeiramente (*rondelles craniennes*) por Prunières (1874a: 598) que os descobriu em dólmenes de Lozère. Poucos anos depois J. de Baye (1876: 5) haveria de identificar outros daqueles artefactos em enterramentos em grutas do Vallée du Petit-Morin (Marne). Este antropólogo comparou aquelas ocorrências, com exemplares exumados em dólmenes de Roknia, na Argélia.

Também as placas cranianas são raras em Portugal, sabendo-se apenas do exemplar encontrado na Lapa do Bugio, facto que pode decorrer das mesmas causas que atribuímos aos poucos exemplares de rodela craniana.

J. Leite de Vasconcellos (1897: 193-195, fig. 41) refere a existência de marca possivelmente relacionada com a abertura de orifício na rodela craniana da Anta da Herdade da Capela, aspecto que os Leisner (1959: 78, 79, est. 15-54) não referem, aquando da publicação monográfica daquele monumento, possivelmente por não terem observado tal testemunho.

3.2. Máscaras cranianas

As máscaras cranianas não foram classificadas como tal até à descoberta do exemplar exumado na Gruta da Feteira (Lourinhã), a que se juntou ocorrência re-

centemente identificada, por um de nós (C.D.V.), de Gruta do Poço Velho (Cascais), constituindo a reconhecida na Gruta do Escoural, pelo mesmo dos presentes autores, o terceiro exemplar (Vasques, 2016: 110, 111). Todavia, crânio procedente de pequena cavidade subterrânea de Vale Côvo (Pragança, Cadaval) apresenta cortes profundos, ao que parece executados com lâmina de sílex, encontrada junto, tendo em vista a obtenção de máscara craniana, contendo frontal, parte dos dois parietais e dos ossos da face mas que, por razões desconhecidas, não foi concluída.

A máscara craniana procedente de gruta funerária da Feteira, situada a cerca de 20 km de distância em linha recta para oeste de Vale Côvo, foi descoberta durante escavação de emergência ali efectuada em 1982, tendo em vista minimizar o impacto de obra de construção civil. Integrava necrópole tardo-neolítica e encontrava-se associada a ossuário, mostrando sinais de ter sido propositadamente fracturada pela sutura coronal de modo a conferir-lhe a forma que apresenta (Zilhão, 1984: 23, 76, 77, figs. 37a, 37b).

Aquele testemunho, parcialmente coberto por concreções carbonatadas e que guarda o Museu da Lourinhã, conserva a totalidade do frontal, os ossos esfenóides, parte dos zigomáticos e a maxila, ainda com dois dentes implantados. O grau de consolidação da sutura coronal e o desgaste dentário indicam tratar-se de indivíduo adulto.

O exemplar da Gruta do Poço Velho, em Cascais, conserva o parietal e os ossos da face, de indivíduo não adulto. Mostra, ao centro do frontal, depressão, medindo cerca de 8 mm de diâmetro, que bem pode resultar de tentativa de trepanação, em vida, com remodelação óssea (Antunes-Ferreira, 2005: 88, 89, fig. 44). Os parietais “descolaram” do frontal pelas suturas, devido a acção humana. As Grutas do do Poço Velho foram utilizadas como necrópoles durante o Neolítico Final e Calcolítico, na segunda metade do IV milénio A.C. e primeira metade do milénio seguinte, estimando-se que pelo menos 115 indivíduos, 93 adultos e 22 não adultos, em número idêntico de ambos géneros,

foram, segundo Nathalie Antunes-Ferreira (2005: 101), ali depositados ou inumados.

Três das máscaras cranianas exumadas em Portugal mostram o mesmo tipo formal, pois foram separadas da calote pela sutura coronal ou áreas próximas e integram os ossos da face, incluindo o maxilar. Também os cortes que apresenta o crânio da Gruta de Vale Côvo indicam o mesmo padrão operatório.

Oferecendo contexto geográfico e cultural distante dos portugueses, a máscara craniana procedente do nível Capsense Superior (5000-4500 a.C.) de Faïd Souar II (Argélia), corresponde a crânio a que foi cortado o occipital, tal como parte posterior e inferior dos parietais, oferecendo dois orifícios para suspensão.

Aquela peça paleoantropológica encontrava-se em sepultura contendo restos de dois esqueletos e pertenceu a indivíduo, provavelmente do sexo feminino, com 18 a 25 anos de idade. Apresentava, ainda, a ablação dos incisivos em vida, talvez devido a aspecto ritual, um dente posticho e era acompanhada com duas valvas de *Union*, que possivelmente foram colocadas nas cavidades orbitais, tendo sido envolta em ocre vermelho (Vallois, 1971).

Crânio humano de Silica (Majda-Hresková, Roznava), na Eslováquia, datado da Idade do Bronze Final (ca 1000 a.C.), foi cortado e utilizado como máscara, que conserva parte do frontal e dos ossos da face, incluindo o maxilar, ainda com dentes (Ramseyer, 2001: 86, 89). Verifica-se assim, que a prática de produzir máscaras cranianas humanas constituiu aspecto ritual altamente simbólico que alcançou os tempos proto-históricos.

3.3. Trepanações

A trepanação craniana foi referida por Hipócrates de Cos (460-370 a.C.) e os casos pré-históricos constituíram objecto de estudo desde o último quartel do século XIX, envolvendo arqueólogos, antropólogos, anatomopatologistas e neurocirurgiões (Prunières, 1874a; 1874b; Baye, 1876; Broca, 1876a; 1876b; Nadaillac, 1879; 1886; Horsley, 1888; Regnault, 1902; Lucas-Championnière, 1912). De igual modo, aquela prática tem vindo a ser registada para os tempos pré-

-históricos, em Portugal, desde o achado de pedaço de calote craniana com tais vestígios na Gruta de Furninha (Peniche) e de crânio em fase de trepanação da Casa da Moura, devidos a J. F. Néry Delgado (1880, ests. VII, fig. 68; XV, fig. 122). Leite de Vasconcelos (1885: 34-36; 1897: 184, 185, 191-197; 1925) haveria de chamar a atenção para aquelas e outras ocorrências, delas retirando diversas conclusões de carácter sócio-religioso. Mais tarde, M. Barbosa Sueiro (1933) e depois O. da Veiga Ferreira (1969) reuniram os testemunhos de manipulações cranianas humanas até então conhecidos em Portugal, o mesmo vindo a acontecer com outros autores que recentemente se têm dedicado a tal problemática, contando hoje com cerca de três dezenas de casos no actual território nacional (Crubézy *et alii*, 2001; Silva; 2002; Campillo Valero, 2007; Vasques, 2016).

As trepanações pré-históricas europeias mostram contornos em geral com forma oval, não existindo exemplares possuindo contorno quadrangular, trapezoidal ou rectangular, conforme surgem na América do Sul e na Ásia (Destugne e Lumley, 1976: 163).

As trepanações cranianas humanas apresentam aos seus investigadores uma grande questão, ainda não resolvida, pois elas tanto podem ser consequência de actos de carácter médico e, portanto, terapêuticos, como de carácter ritual, algumas em vida e outras póstumas, embora em ambos casos se possa denominar de cirurgia craniana.

No crânio da Gruta do Escoural, mostrando vestígios de trepanação no frontal esquerdo, esta não foi concluída, tendo sido possivelmente executada por abrasão pouco profunda, permitindo a cicatrização e sobrevivência do paciente.

Procede da Gruta das Fontainhas (Serra de Montejunto), crânio, de indivíduo adulto, do sexo masculino, mostrando os inícios de duas trepanações, por raspagem, incompletas e também com sinais de cicatrização (Silva, 2002: 119; Campillo Valero, 2007: 264, 265, fig. 7.10), aspecto que mostra o frontal de máscara craniana exumada em uma das Grutas do Poço Velho (Cascais), havendo ainda outros paralelos para o exemplar da Gruta do Escoural, agora dado a conhecer.

O método de trepanação utilizado naquele último caso, a raspagem ou abrasão, foi usado, segundo D. Campillo Valero (2007: 282) em 31% dos testemunhos pré-históricos que estudou, oriundos da Península Ibérica, existindo 44% de trepanações feitas por perfuração através de brocagem e apenas 11% levados a cabo por incisão, apresentando os restantes exemplares técnicas mistas ou não claramente identificadas.

Conhecem-se, em Portugal, pelo menos mais quatro casos de trepanações em parietais esquerdos (Algar do Bom Santo 1, Covão d'Almeida, Gruta das Fontainhas e Lapa do Bugio), sendo a região craniana com maior número de tais intervenções (Vasques, 2016: 114). Também D. Campillo Valero (2007: 282) verificou nos casos por ele estudados, da Península Ibérica, uma maior percentagem de trepanações executadas no lado esquerdo do crânio (56%), contando menos de metade para o lado oposto (21%) e existindo ainda menor número quando efectuadas ao centro (14%).

3.4. Incisões cranianas

As incisões presentes em dois crânios da Gruta do Escoural, em parietal e em frontal, devem corresponder a manipulações relacionadas com preceitos rituais, nomeadamente a descarnação de partes moles. Em um dos casos parece ter havido remodelação óssea, enquanto o outro sugere intervenção *post-mortem*, talvez para obtenção de escalpe. É possível que futuras análises a material osteológico pré-histórico conduzam ao reconhecimento de testemunhos afins, permitindo melhor avaliar a sua origem e função.

D. Campillo Valero (1980; 2007: 190-192) estudou caso de incisões em crânio humano procedente da Gruta 1 de Recó de l'Hospital (Montblanc, Conca de Barberà, Tarragona), filiformes ou fusiformes, aprofundadas por abrasão, em número de oito, medindo entre 7 mm e 30 mm, possuindo contexto calcolítico, reconhecendo tais intervenções no terço superior de parietal e no occipital, que compara com outras de crânio de Bóbila Madurell (Barcelona) e atribuiu a causas rituais.

Apresentam incisões, afins das mencionadas, crânio de Anta de Carcavelos (Loures), em ambos parietais, medindo entre 2 mm e 11 mm, assim como crânio da Anta da Capela de Santo Amaro (Figueira da Foz). Também dois crânios mesolíticos do Cabeço da Arruda (Muge) mostram intervenções idênticas (Vasques, 2016: 91, 93, 115).

3.5. Depósitos de crânios

São conhecidos "cranial burials", ou talvez melhor "depósitos de crânios", dado não se tratar de simples sepulturas de cabeças ou de acumulações aleatórias de crânios. Eles devem encontrar-se ligados ao culto dos antepassados através dos seus crânios, à caça de cabeças ou de cabeças-troféu, até há bem pouco ainda praticada por diferentes sociedades etnográficas africanas, ameríndias e asiáticas. Tais depósitos ocorreram em algumas grutas e em outros monumentos funerários, neolíticos e calcolíticos portugueses, embora não tenham sido valorizados como práticas cognitivas, nomeadamente na Gruta do Escoural. Aqueles também foram identificados na Europa Central, desde o Mesolítico, conforme ilustram os casos das grutas de Grosse Ofnet Höhle (Holheim, Baviera) e Hohlenstein-Stadel (Asselfingen, Bade-Württemberg), no Sudoeste da Alemanha (Jeunesse, 2012). Naquela primeira jazida encontraram-se duas fossas circulares, uma contendo 31 crânios e a outra com seis, acompanhados de diverso espólio e de ocre vermelho. Na segunda cavidade subterrânea exumaram-se apenas três crânios, estando ainda presente o ocre vermelho. Alguns testemunhos de violência sugerem indicar massacre, sacrifício ou outro tipo de prática social (Orschiedt, 2001; Jeunesse, 2012: 71).

Os depósitos de crânios, em lugares particulares das necrópoles, em grutas ou em edificações funerárias, não têm sido convenientemente registados e estudados, não só no que respeita ao território peninsular mas também, em geral, ao resto da Europa. Em Portugal, escavações antigas, desprovidas de métodos de registo adequados ou a falta de interesse por muitos arqueólogos pelas questões simbólicas e cognitivas das sociedades pretéritas,

têm obstado àquele tipo de conhecimento, tanto ao nível da informação empírica como da construção teórica. No que concerne à Gruta d Escoural, o seu escavador refere os nichos com crânios, pelo menos um deles entaipado, fotografa um caso, mas sobre o assunto mais nada se sabe. Esperemos, no entanto, que a recuperação de documentação de antigas escavações e as que se fizerem possam lançar luz sobre esta problemática.

4. CONCLUSÕES

Durante toda a Pré-História Europeia conhecem-se testemunhos que ilustram a manipulação de crânios humanos, em vida ou *post-mortem*, que se devem sobretudo a razões de carácter sócio-religioso, mas também talvez terapêuticas, como ainda a ambas. Sobre a difusão do uso da trepanação, S. Piggott (1940: 119) escreveria: *“But once so painful and so dangerous an operation become a fashion, a cult, ...”*.

Já nos inícios da passada centúria se reconheciam calotes cranianas paleolíticas, fracturadas ou cortadas em forma de taça, tendo-se depois discutido sobre a caça às cabeças-trofeu e possíveis cultos ligados aos crânios (Breuil e Obermaier, 1909; Wernert, 1936; 1944/51; Glory e Robert, 1947). Os crânios-taça não se circunscreveram ao Paleolítico Superior, à Gruta de Placard (Charente) onde se encontraram quatro (Glory e Robert, 1947: 131), e à Gough’s Cave (Inglaterra) com um, pois no nível calcolítico da Gruta da Carigüela de Piñar (Granada) surgiu exemplar de tal peça ritual, mostrando finas incisões que talvez correspondam à dissecação das partes moles que a envolviam (García Sánchez e Carrasco Ruiz, 1981: 124). Um outro crânio-taça, dos inícios da Idade do Bronze, provém da Gruta de Pradel (La Capelle-Balaguier, Aveyron) e encontrava-se em local elevado e bem destacado, sob grande estalagmite por onde escorria água, repleta de cinzas, terra, ocre vermelho e um dente humano, rodeada por sepulturas dispostas em arco de círculo (Glory e Robert, 1947: 114-118, 129). Embora mais raramente, outros ossos humanos serviram para a

confeccção de artefactos de carácter sócio-religioso, durante os tempos pré-históricos europeus, como a espátula, ou ídolo, elaborada sobre rádio, encontrada no espólio de sepulcro megalítico da Meseta (Delibes de Castro e Paz Fernández, 2000). Todavia, tal prática é bem conhecida em sociedades etnográficas sub-actuais e ainda em algumas nossas contemporâneas.

As manipulações cranianas, integraram a vida espiritual das populações pré-históricas, nomeadamente das comunidades produtoras de alimentos, do Neolítico ao Calcolítico, e relevam, principalmente, a grande importância conferida à cabeça humana, pelo que alguns autores aventam a hipótese de durante a Pré-História ter existido, em certas regiões, um verdadeiro culto aos crânios humanos (Wernert, 1944/51; Glory e Robert, 1947).

De facto, a cabeça humana, tal como as dos animais, é entendida, em quase todas as civilizações, como elemento discursivo do indivíduo, constituindo a residência dos principais sentidos, como a visão, a audição, o olfacto, o paladar, nela existindo ainda os órgãos da fala, significativas partes dos aparelho digestivo e respiratório, tal como o cérebro, reconhecido centro de decisão, de comportamentos, de saberes e o principal motor das actividades cognitivas, tornando-se importante símbolo social de valor universal (Talalay, 2004: 156).

A cabeça constitui ainda o elemento anatómico que melhor caracteriza cada um de nós, individualizando-nos entre a multidão dos nossos semelhantes, mas o mesmo acontecendo para muitas das diferentes espécies de mamíferos, peixes, aves, etc., por isso a decapitação é uma forma de despersonalização e utilizada, tanto na guerra como por diversas autoridades judiciais ou religiosas, onde é entendida como castigo supremo. Tal prática assumiu, durante a Pré-História, grande significado ritual, conforme ilustram casos do Paleolítico Médio da Europa, senão outros anteriores, e os ocorridos em tempos ulteriores. Por isso, o interesse pela cabeça humana conduziu, em diferentes sociedades, à transformação daquele elemento do corpo humano, ou de algumas das suas partes da estrutura

óssea, em cultura material, dando origem a muito apreciados troféus e a artefactos mágico-religiosos. A crença em propriedades transcendentais dos ossos cranianos, designadamente por terem feito parte de alguém “diferente”, acreditando-se que poderiam conter e transmitir o poder e as virtudes de quem pertenceu, talvez mesmo possibilitasse o contacto com o mundo transcendente, conforme acontecia, até há bem pouco, entre diversas sociedades etnográficas, levaria a que, ainda em data recente, mesmo no seio de comunidades industrializadas da Europa, se obtivessem a partir daqueles, santas relíquias e amuletos. Estes eram tidos como possuindo poderes profilácticos, nomeadamente no tratamento da epilepsia, reflectindo uma espécie de magia simpática (Vasconcellos, 1897: 184-186).

A excepcional importância dada à cabeça humana espelha-se nos crânios, sobremodelados e, ainda, nas máscaras de pedra pintadas, do Neolítico pré-cerâmico (PPNB, VII milénio B.C.), de Nâhal Hemar e de Hébron (Israel) (Bienert, 1990), que J. Cauvin (1994: 154, 155, est. VII), considerou na origem do “*teatro sagrado do Mediterrâneo Oriental*”, não deixando de colocar a hipótese da existência de objectos similares, mas construídos em materiais perecíveis.

São relativamente frequentes, no Centro de Portugal, os crânios humanos ou os seus fragmentos, alterados através de trepanação ou de outras acções, durante o Neolítico e o Calcolítico, designadamente se compararmos tais testemunhos com os de outras regiões europeias, com idêntica cronologia, ou com o número de crânios coevos ali registados.

A origem dos crânios manipulados circunscreve-se a duas hipóteses: pertencerem a indivíduos estranhos às comunidades que os deslocaram, alteraram e conservaram, ou terem feito parte daquelas, aspecto que originaram comportamentos e simbologias bem diferenciados. D. Campillo Valero (2007: 282) constatou que 96% dos crânios trepanados que estudou na Península Ibérica pertenciam a indivíduos adultos, 58% dos quais seriam do género masculino, 10% do género feminino, embora não tivesse sido possível a determinação genérica nos

restantes (32%). Aquelas intervenções seriam maioritariamente executadas em vida dos pacientes (75% no caso dos indivíduos do sexo masculino e em 80% no caso dos indivíduos do sexo feminino).

As máscaras cranianas integraram claramente vertente mágico-religiosa relacionada com o grande significado dado à cabeça humana, a que se devem associar muitas das trepanações, as simbólicas, não profilácticas ou terapêuticas, designadamente as póstumas, tal como as rodela e placas obtidas a partir de ossos cranianos.

Além de raros testemunhos que remontam ao Mesolítico, tais manipulações encontradas em território actualmente português são principalmente datáveis no Neolítico Final e Calcolítico, denunciando sociedades fortemente ritualizadas, que as edificações de carácter cultural (dólmenes, menires, alinhamentos, cromeleques, santuários rupestres) e a abundante cultura material confirmam. Elas teriam importante função cerimonial e integravam sistema simbólico, por certo ligado ao mundo transcendente, dos antepassados e dos mortos em geral. Todavia, hoje sabe-se que o interesse dos humanos por objectos insólitos ou ímpares, artefactos e ecofactos, com denominado potencial iconográfico, onde se incluem os restos antropológicos, parece ascender aos alvares da Humanidade (Borel *et alii*, 2016), passando aqueles a integrar, mais do que idiosincrasias, narrações mitológicas e práticas rituais que pouco conhecemos.

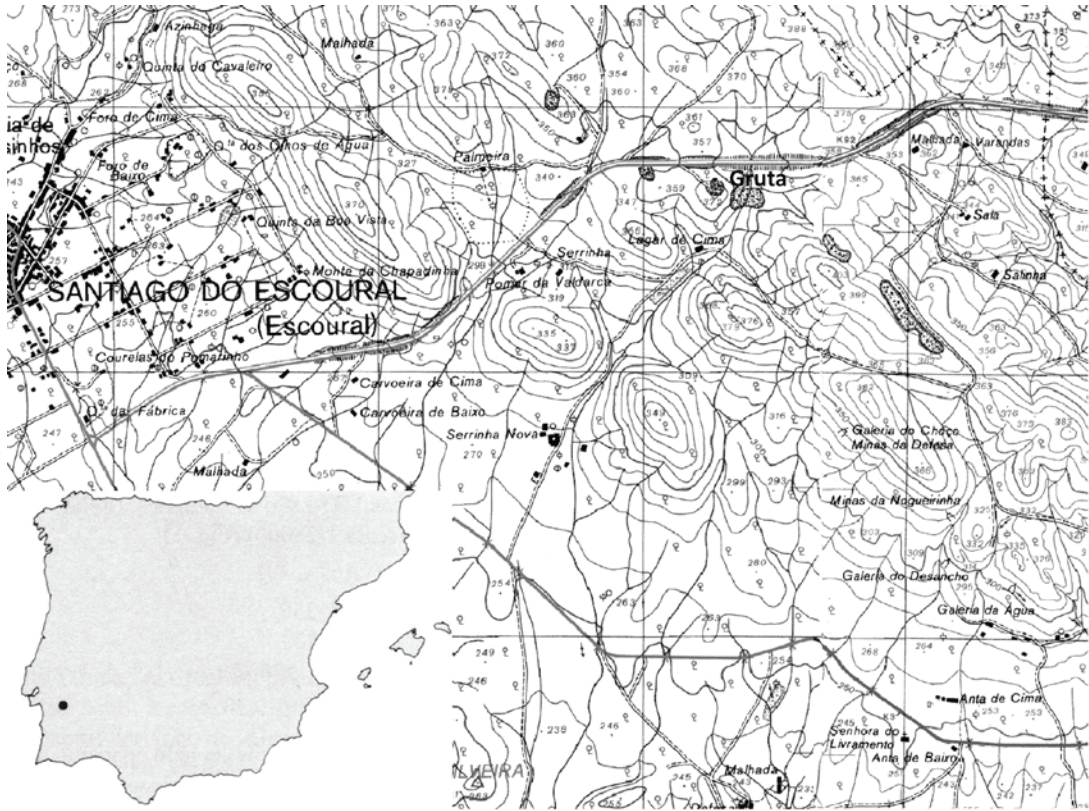
A violência das imagens das máscaras cranianas, como outros artefactos de origem antropológica, criaria, no seio de complexos rituais, momentos de transcendência capazes de diminuir o *stress* social, mas principalmente indutores de “estados místicos” capazes de produzir a criatividade (Bataille, 1986; Morin, 1986).

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2005) – *Paleobiologia de Grupos Populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Trabalhos de Arqueologia, 40. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ARAÚJO, Ana Cristina; LEJEUNE, Marylise (1995) – *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica*. Trabalhos de Arqueologia, 8. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- BATAILLE, Georges (1986) – *Erotism: Death & Sensuality*. San Francisco: City Lights Books.
- BAYE, Joseph de (1876) – *La trépanation préhistorique*. Extrait de *L'Archéologie Préhistorique*. Paris: Ernest Leroux, Éditeur, pp. 5-30.
- BIENERT, Han-Dieter (1990) – The Er-Ram stone mask at the Palestine Exploration Fund. *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 9(3), pp. 257-261.
- BOREL, Antony; AJZENHERC, Yohan; MONCEL, Marie-Hélène; SAINT JALME, Michel; KRIEF, Sabrina (2016) – Do Orangutans share early Human interest in odd objects?. *Current Anthropology*, vol. 57(6), pp. 828-837.
- BREUIL, Henri; OBERMAIER, Hugo (1909) – Crânes paléolithiques façonnés en coupes. *L'Anthropologie*, vol. XX, pp. 523-530.
- BROCA, Pierre Paul (1873) – Sur les crânes de la caverne de l'Homme – Mort (Lozère). *Revue Anthropologique de Paris*. Série 9, vol. I, pp. 542-557.
- BROCA, Pierre Paul (1876a) – Sur les trépanations préhistoriques. *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, série 2, vol. 11, pp. 236-256.
- BROCA, Pierre Paul (1876b) – Amulettes crâniennes et trépanation préhistorique. *Revue d'Anthropologie*, vol. 5, pp. 106, 107.
- CAMPILLO VALERO, Domènec (1980) – Incisiones rituales en un cráneo de Montblanc. *Ampurias*, vols 41-42, pp. 367-370.
- CAMPILLO VALERO, Domènec (2007) – *La Trepanación Prehistórica*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- CARDOSO, João Luís (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, vols. IX-X, pp. 89-225.
- CARDOSO, João Luís (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CAUVIN, Jacques (1994) – *Naissance des Divinités, Naissance de l'Agriculture. La Révolution des Symboles au Néolithique*. Paris: Éditions Centre National de la Recherche Scientifique.
- CRUBÉZY, Éric; BRUZEK, Jaroslav; GUILLAIN, Jean; CUNHA, Eugénia; ROUGÉ, Daniel; JELINEK, Jan (2001) – The antiquity of cranial surgery in Europe and in the Mediterranean basin. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences – Series IIA – Earth and Planetary Science*, Vol. 332(6), pp. 417-423.
- DELGADO, Joaquim Filipe Néry da Encarnação (1884) – “La Grotte de Furninha a Peniche”, *Congrès Internationale d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique (Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne, 1990)*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royal des Sciences, pp. 207-278, ests I-XVII.
- DELIBES DE CASTRO, Germán; PAZ FERNÁNDEZ, Félix José de (2000) – Ídolo-espátula sobre radio humano en el ajuar de un sepulcro megalítico de la Meseta. *Spal*, vol. 9, pp. 341-349.
- DASTUGUE, Jean; LUMLEY, Marie-Antoinette de (1976) – «Les maladies des hommes préhistoriques», *La Préhistoire Française, tome II – Les Civilisations Néolithiques et Protohistoriques de la France*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 153-164.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1969) – Acerca dos conhecimentos de medicina e de cirurgia na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. III, pp. 119-130.
- FURMANEK, Václav (1999) – *Cult mask, L'Europe au Temps d'Ulysse. Dieux et Héros de l'Âge du Bronze*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, p. 264.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Manuel; CARRASCO RUS, Javier (1981) – «Cráneo-copa» eneolítico de la cueva de la Carigüela de Piñar (Granada). *Zephyrus*, vols. 32-33, pp. 121-131.
- GLORY, André; ROBERT, Romain (1947) – Le culte des crânes humains aux époques préhistoriques. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, IX^e série, tome 8(1), pp. 114-133.
- GLORY, André; VAULTIER, Maxime; SANTOS, Manuel Farinha dos (1966) – La grotte ornée d'Escoural (Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tome LXIII, pp. 110-117.
- GOMES, Mário Varela (1983) – “A gruta do Escoural, um santuário paleolítico”, *História de Portugal*, vol. I. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 60, 61.
- GOMES, Mário Varela (1985) – “Arte rupestre”, *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 188-190.
- GOMES, Mário Varela (1991) – Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*, vol. 9, pp. 17-74.
- GOMES, Mário Varela (1992) – “L'art rupestre au Portugal”, *La Naissance de l'Art en Europe*. Paris: Unión Latina, pp. 56-59.

- GOMES, Mário Varela (1994) – Escoural et Mazouco. Deux sanctuaires paléolithiques du Portugal. *Les Dossiers d'Archéologie*, n.º 198, pp. 4-9.
- GOMES, Mário Varela (1995) – “Cavalo, de cor vermelha, da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)”, *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Editorial Vega, pp. 295-305.
- GOMES, Mário Varela (1998) – “L'art rupestre au Centre et Sud du Portugal”, *I Jornadas sobre el Patrimonio Cultural y Natural en el Parc Cultural del Río Martín*. Ariño: Centro de Interpretación de Arte Rupestre, pp. 1-28.
- GOMES, Mário Varela (2000) – “Arte preistorica del Portugal”, *40000 Anni di Arte Contemporanea, L'Art Preistorica d'Europa*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 23-41.
- GOMES, Mário Varela (2001) – *Gruta do Escoural. Arte Parietal*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- GOMES, Mário Varela (2006) – Catálogo del Arte Prehistórico de la Península Ibérica y de la España Insular. Arte Paleolítico II, Arte Paleolítica Portuguesa. *Serie Arqueológica, Varia*, vol. IV. Valencia: Academia de Cultura Valenciana, pp. 85-162.
- GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia & História*, vol. 54, pp. 139-194.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1994) – O santuário exterior do Escoural – Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora), *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 93-108.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 287-307.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1983-1984) – Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural. *Clio/Arqueologia*, vol. 1, pp. 77, 78.
- HORSLEY, Victor Alexander Haden (1888) – Trephining in the Neolithic period. *Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 17, pp. 100-106.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1964) – Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIX (3-4), pp. 221-284.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1981) – Espólio ósseo humano da gruta neolítica do Escoural. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIV (I), pp. 5-58, 7 quadros.
- JEUNESSE, Christian (2012) – Ofnet et les dépôts de têtes dans le Mésolithique du Sud-Ouest de l'Allemagne, *Crânes Trophées, Crânes d'Ancêtres et Autres Pratiques Autour de la Tête: Problèmes d'Interprétation en Archéologie*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series 2415, pp. 69-75.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Madrider Forschungen Band 1/2, Walter de Gruyter & Co.
- LUCAS-CHAMPIONNIERE, Juste-Marie Marcelin (1912) – *Les Origines de la Trépanation Décompressive*. Paris: Steinheil.
- MONTEIRO, Rafael; ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) – Nota preliminar sobre a Lapa Pré-Histórica do Bugio, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I. Coimbra: Junta Nacional de Educação, pp. 107-120.
- MORIN, Edgar (1986) – *La Méthode. 3 – La Connaissance de la Connaissance*. Paris: Éditions du Seuil.
- NADAILLAC, Albert de (1879) – *Les Trépanations Préhistoriques*. Paris: Jules Gervais, Libraire-Éditeur.
- NADAILLAC, Albert de (1886) – Mémoire sur les trépanations préhistoriques. *Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n.º 2 (30.º année), pp. 280-294.
- NEUMANN, Erich (1963) – *The Great Mother. An Analysis of the Archetype*. Bollingen Series XLVII. New York: Pantheon Books.
- ORSCHIEDT, Jörg (2001) – Die kopfbestattungen der Ofnet-Höhle: Ein beleg für kriegerische auseinandersetzungen im Mesolithikum. *Archäologische Informationen*, vol. 24 (2), pp. 199-207.
- PIGGOTT, Stuart (1940) – A trepanned skull of the Beaker Period from Dorset and the practice of trepanning in Prehistoric Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. 6 (1), pp. 112-131, ests VIII, IX.
- PRUNIÈRES, Paul Barthélemy (1874a) – Sur les crânes artificiellement perforés à l'époque des Dolmens. *Bulletin de la Société Anthropologique*, vol. 9, pp. 185-205.
- PRUNIÈRES, Paul Barthélemy (1874b) – Sur les crânes perforés et les rondelles crâniennes de l'époque néolithique. *Compte Rendue de l'Association Française pour l'Avancement des Sciences*, vol. 3, pp. 597-635.
- RAMSEYER, Denis (2001) – *Industrie de l'Os Préhistorique. IX – Objets Méconnus*. Paris: Éditions Société Préhistorique Française.

- REGNAULT, Félix (1902) – Sur la trépanation préhistorique. *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série V, tome 3, pp. 736-738.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1964) – Vestígios de pinturas rupestres descobertas na gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. V, pp. 5-47, XIV ests.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1967a) – Novas gravuras rupestres descobertas na gruta do Escoural. *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, pp. 18-34.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1967b) – *Arqueologia do Concelho de Montemor-o-Novo – Realizações, Problemas e Perspectivas*. Montemor-o-Novo: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1968) – Gruta do Escoural, *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. VII. Lisboa: Editorial Verbo, pp. 940-943.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1972) – *Pré-História de Portugal*. Biblioteca das Civilizações Primitivas. Lisboa: Editorial Verbo.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1985) – Manifestações neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do outeiro da Herdade da Sala (Escoural, Montemor-o-Novo), *XVII Congresso Nacional de Arqueologia*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 135-144.
- SANTOS, Manuel Farinha dos; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1980) – Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal), *Altamira Symposium*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 205-242.
- SILVA, Ana Maria (2002) – Trepanation in the Portuguese Late Neolithic, Chalcolithic and Early Bronze Age Periods, *Trepanation, History, Discovery, Theory*. Lisse: Swets & Zeitlinger Publishers, pp. 117-130.
- SILVA, António Carlos; ARAÚJO, Ana Cristina (1995) – *Gruta do Escoural*. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 4. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- SUEIRO, Manuel Barbosa (1933) – La trépanation crânienne chez l'homme néolithique des stations portugaises. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XIX, pp. 41-51.
- TALALAY, Lauren Elizabeth (2004) – Heady business: Skulls and decapitation in Neolithic Anatolia and Greece. *Journal of Mediterranean Archaeology*, vol. 17 (2), pp. 139-163.
- VALLOIS, Henri Victor (1971) – Le crâne-trophée capsien de Faid Souar II, Algérie (Fouilles Laplace, 1954). *L'Anthropologie*, tome 75 (3, 4), pp. 191-220.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1885) – *Portugal Pré-Histórico*, Bibliotheca do Povo e das Escolas. Lisboa: David Corazzi, Editor.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1925) – *Medicina dos Lusitanos*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- VASQUES, Carlos Vítor Didelet (2016) – *A Trepanação e Outras Manipulações em Crânios Humanos Pré-Históricos do Território Hoje Português*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- WERNERT, Paul (1936) – L'Anthropophagie rituelle et la chasse aux têtes aux époques actuelle et paléolithique. *L'Anthropologie*, vol. XLVI, pp. 33-43.
- WERNERT, Paul (1944/51) – «Culte des crânes. Représentations des esprits des défunts et des ancêtres» in *Histoire Générale des Religions*. Librairie Aristide Quillet, vol. 5, pp. 51-102.
- ZILHÃO, João (1984) – *A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de Salvamento de uma Necrópole Neolítica*. Trabalhos de Arqueologia, 1. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.



A



B

Figura 1 – Localização (A) e planta da Gruta do Escoural (B) (seg. M. V. Gomes).

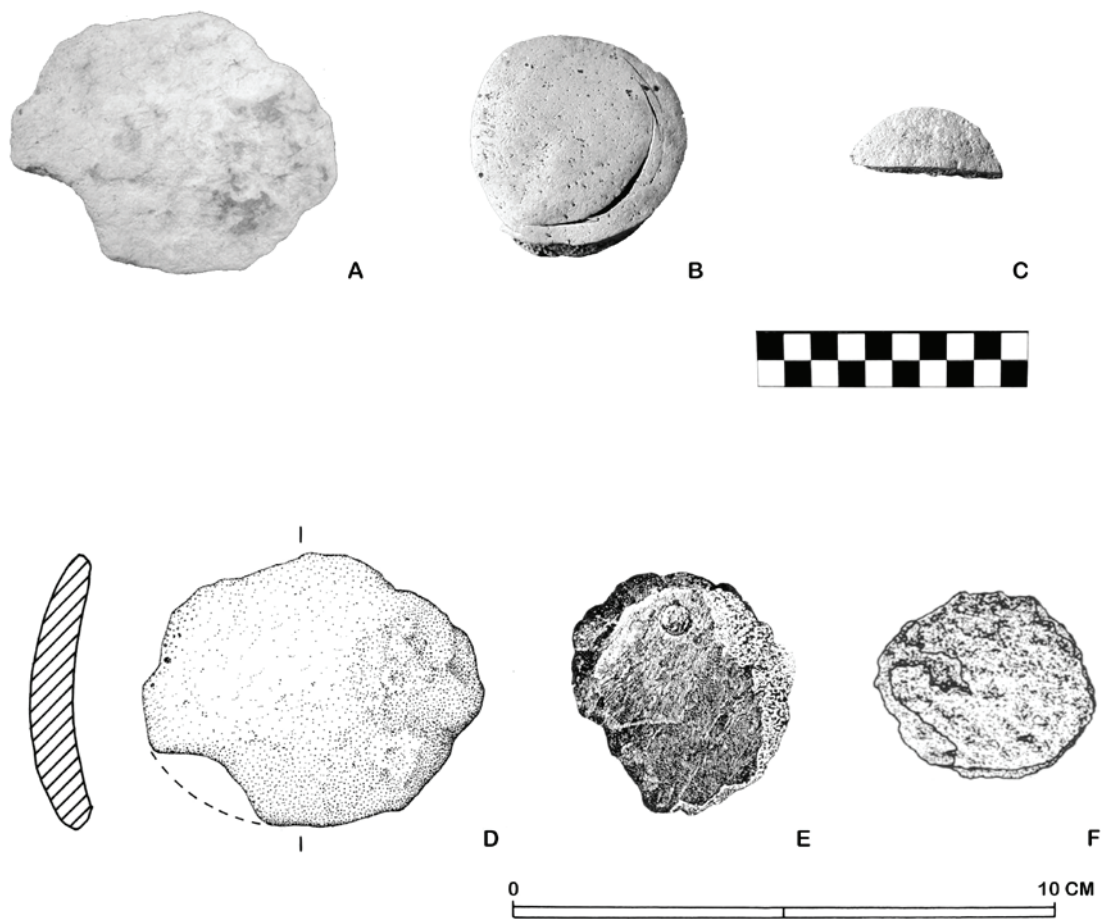


Figura 2 – A – Rodela craniana, da Gruta do Escoural (foto C. D. Vasques, 2016); B e C – Rodela e meia rodela cranianas da Anta Grande do Olival da Pêga I (fotos C. D. Vasques, 2016); D – Rodela craniana da Gruta do Escoural (des. de D. Neves); E – Rodela craniana da Anta dos Cavaleiros (seg. Vasconcellos, 1897: 195, fig. 41); F – Rodela craniana da Lapa do Bugio (seg. Cardoso, 1992: 190, est. 18-7).



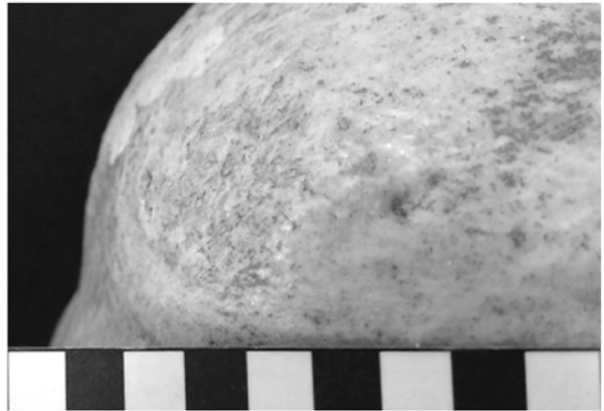
Figura 3 – Máscara craniana da Gruta do Escoural (A e B) (fotos C. D. Vasques, 2016). Planta de galeria da Gruta do Escoural, com deposição de máscara craniana ao centro da sua entrada (C) (des. D. de Sousa, em Araújo e Lejeune, 1995: 81, fig. 7).



Figura 4 – Máscaras cranianas, da Gruta da Feteira (A) e da Gruta do Poço Velho (B) (fotos C. D. Vasques, 2016).

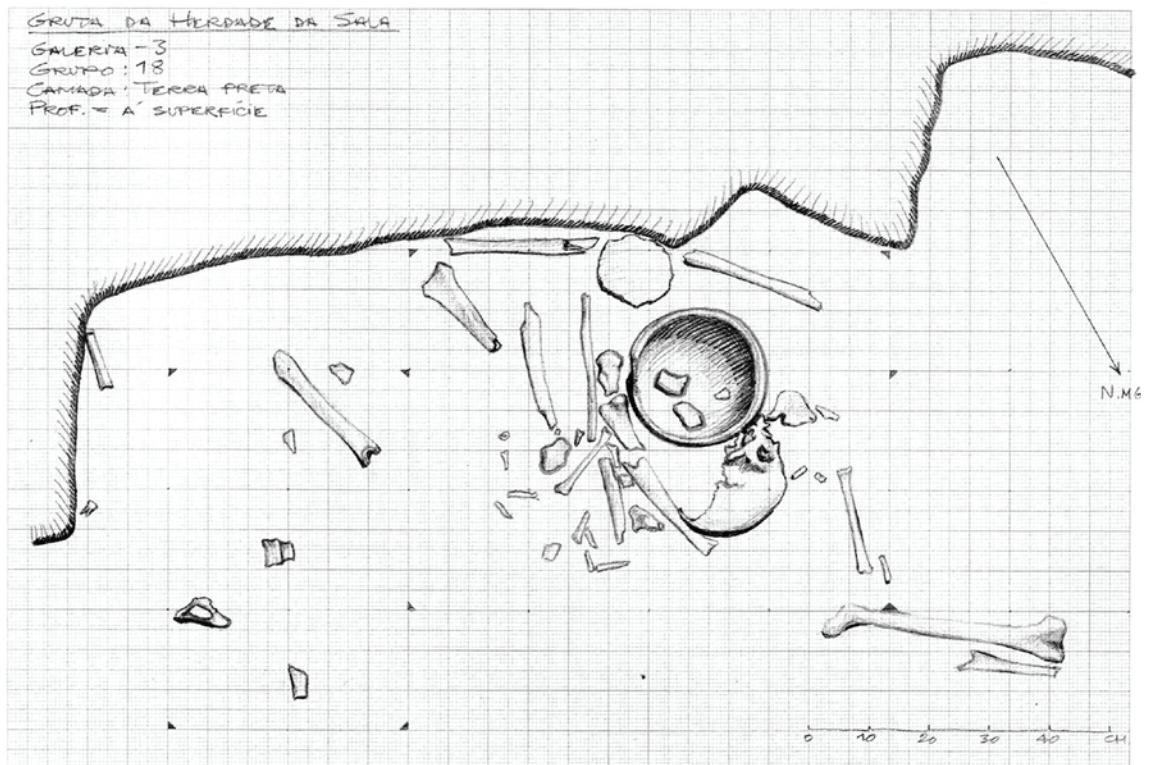


Figura 5 – Crânio com cortes para obtenção de máscara craniana (A) e lâmina de sílex encontrada junto (B, C), da Gruta de Vale Côvo (fotos C. D. Vasques, 2011).



A

B



C

Figura 6 – A e B – Porção de crânio da Gruta do Escoural, com vestígios de trepanação, não concluída, no frontal esquerdo (foto C. D. Vasques, 2016). Planta com localização de porção craniana e outro espólio (C) (des. D. de Sousa, em Araújo e Lejeune, 1995: 76, fig. 2).



Figura 7 – Crânios com sinais de incisões, da Gruta do Escoural. Calote craniana (A) e pormenor (B) (fotos C. D. Vasques, 2016); C e D Crânio 3, visto em norma frontal e em norma lateral direita (seg. A. F. Isidoro, 1981, est. III, fig. 6 e est. V, fig. 10).

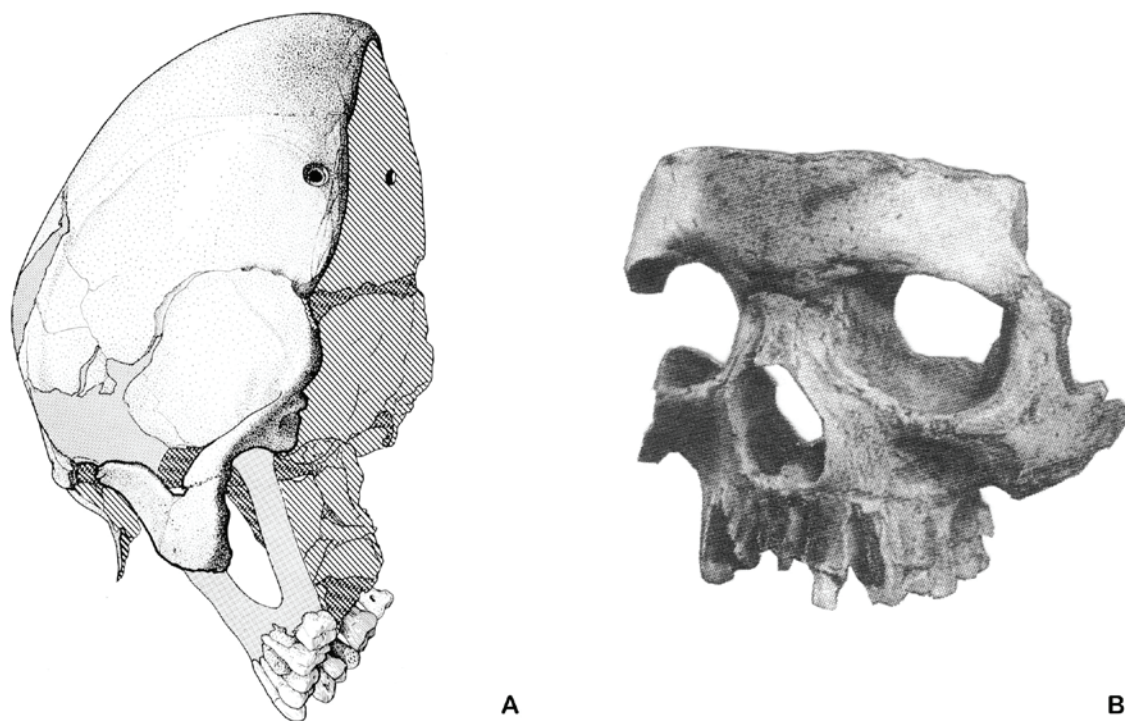


Figura 8 – Máscara craniana de Faïd Souar II (Argélia) (seg. H. V. Vallois, 1971: 99, fig. 1) (A) e máscara craniana da Gruta Sílica Majda-Hraskóva (Roznaka, Eslovénia) (seg. V. Furmanek, 1999: 264).

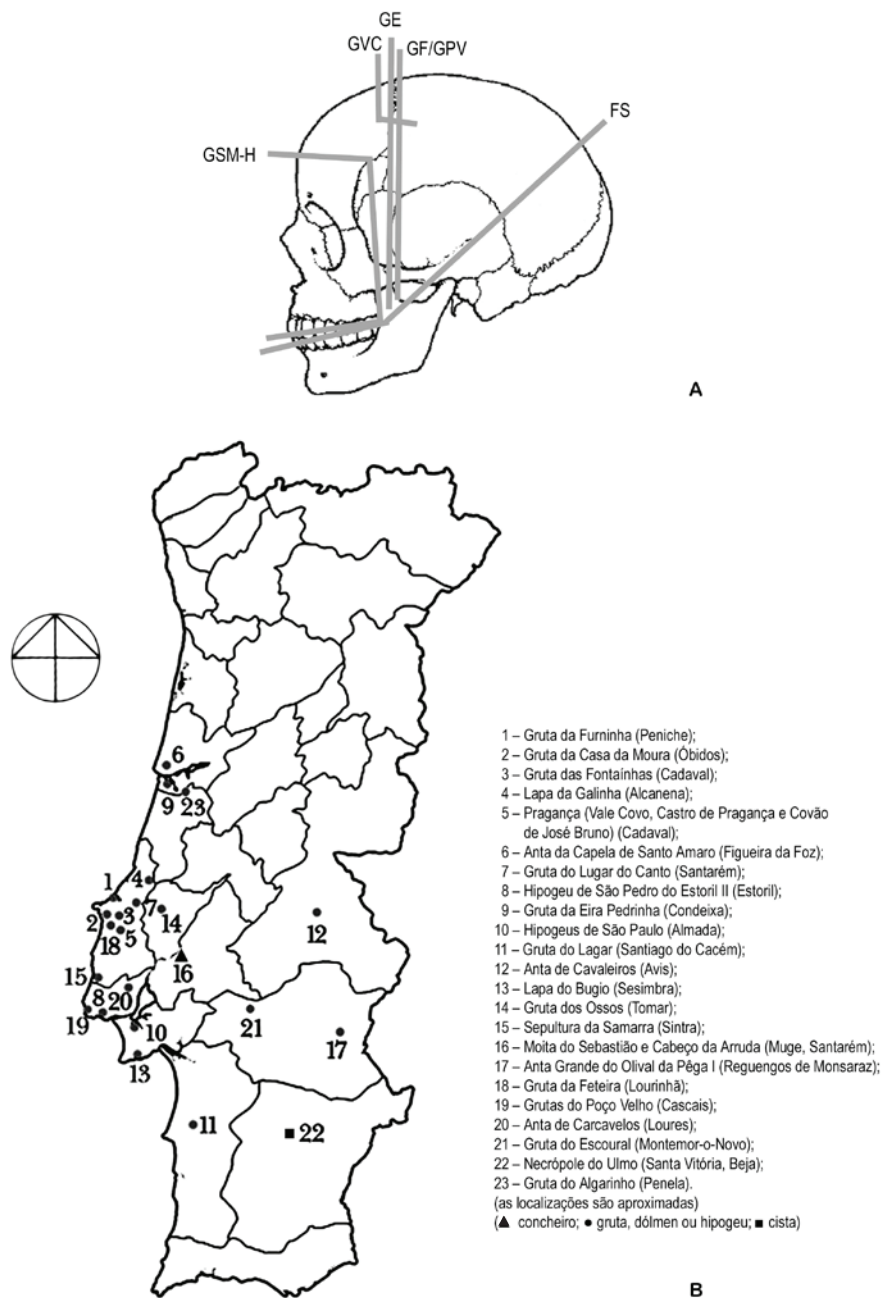


Figura 9 – A – Obtenção de máscaras cranianas: Gruta do Escoural (GE), Gruta da Feteira (GF), Grutas do Poço Velho (GPV), Gruta de Vale Covo (GVC), Faïd Souar (FS), Gruta de Silica Majda-Hrasková (GSM-H). B – Ocorrências de manipulações cranianas pré-históricas (trepanações, rodela e placas) em território actualmente português. 1 – Gruta da Furninha (Peniche); 2 – Gruta da Casa da Moura (Óbidos); 3 – Gruta das Fontainhas (Cadaval); 4 – Lapa da Galinha (Alcanena); 5 – Pragança (Vale Covo, Castro de Pragança e Covão de José Bruno) (Cadaval); 6 – Anta da Capela de Santo Amaro (Figueira da Foz); 7 – Gruta do Lugar do Canto (Santarém); 8 – Hipogeu de São Pedro do Estoril II (Estoril); 9 – Gruta da Eira Pedrinha (Condeixa); 10 – Hipogeu de São Paulo (Almada); 11 – Gruta do Lagar (Santiago do Cacém); 12 – Anta de Cavaleiros (Avis); 13 – Lapa do Bugio (Sesimbra); 14 – Gruta dos Ossos (Tomar); 15 – Sepultura da Samarra (Sintra); 16 – Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda (Muge, Santarém); 17 – Anta Grande do Olival da Pêga I (Reguengos de Monsaraz); 18 – Gruta da Feteira (Lourinhã); 19 – Grutas do Poço Velho (Cascais); 20 – Anta de Carcavelos (Loures); 21 – Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo); 22 – Necrópole do Ulmo (Santa Vitória, Beja); 23 – Gruta do Algarinho (Penela) (as localizações são aproximadas) (▲ concheiro; ● gruta, dólmen ou hipogeu; ■ cista).



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt